Da Mãe-Preta para Anastácia Livre: quando a psicologia escuta as trabalhadoras domésticas?

From Black-Moms to Free-Anastasias: when does psychology listen to domestic workers?

Laís Andrade Vitória

Centro Universitário Salesiano

RESUMO:

Esse artigo apresenta-se como efeito das narrativas-discentes e do narrar das trabalhadoras domésticas no cotidiano brasileiro para além do trefismo. Deste encontro, emergiu a questão-tensão: quando a psicologia escuta as trabalhadoras domésticas?. Buscando construir respostas-afostas, caminhamos pelo processo de estruturação e regulamentação do trabalho doméstico no país, passando pelas escrevivências que ecoam vozes-mulheres, para chegar na psicologia científicista e na psicologia-narrativa. Apontamos como resposta-afosta uma psicologia ético-política que privilegia a tentativa de narrar, um sujeito da experiência, assim como a relação narrar-escrever-vida, como uma atitude de escutar e intervir diante dos escombros brasileiros que silenciam as trabalhadoras domésticas. Nos implicamos em criar e utilizar das frestas cotidianas para inaugurar novos lugares a tornar presente as vozes-mulheres. Apostamos na narrativa e na escrita como possibilidade de criar um por vir, um esperar, um lugar onde Mães-Pretas possam tornar-se Anastácias Livres.

Palavras-Chaves: Trabalho doméstico, psicologia, narrativas.

ABSTRACT:

This article presents itself as an effect of student narratives and the narration of domestic workers in Brazilian daily life, beyond their tasking. From this, the problem question emerged: when does psychology listen to domestic workers?. Seeking to build bet answers, we went through the process of structuring and regulating domestic work in the country, passing through writings that echo women's voices, to reach scientific psychology and narrative psychology. We point out as a bet answer an ethical political psychology that privileges the attempt to narrate a subject of experience, as well as the narrate-write-life relation, as an attitude of listening and intervening in front of Brazilian wreckage that silences domestic workers. We implicated ourselves in creating and using everyday cracks to open new places for women's voices to be present. We bet on narrative and writing as a possibility to create a future, a hope, a place where Black-Moms can become Free-Anastasias.

Key-words: Domestic work, psychology, narratives.

Introdução: “Ninguém escuta a gente”

A história e construção dessa pesquisa surgiu há três anos.

Numa noite que poderia ser como outra qualquer, minha mãe sonolenta narra costurando as temporalidades (presente-passado-futuro) de seu ofício. De sua narração e pequenas pausas contemplativas surge a frase: Ninguém escuta a gente.

A frase ecoa em mim repetitivamente, dando voltas e mais voltas. O ninguém, a escuta e o “a gente” como nós, como categoria se movimentando de uma afirmação para interrogação: Ninguém escuta? Ninguém escuta as trabalhadoras domésticas?

A afirmação que sai de sua boca me intriga e me mobiliza.

O véu da naturalização cai por terra. Minhas lembranças são estimuladas junto de pesquisas autônomas e esporádicas em torno do trabalho doméstico no Brasil.

Início estudos em torno da conceituação, estruturação sócio-histórica, discussões de gênero e raça, processo de regulamentação do ofício, dados estatísticos.

Mais do que isso, me coloco diante de pequenas assunções¹ narrativas escutadas em algum momento nos espaços de ancestralidade, em minha vizinhança, nas conversas no fundo do ônibus após o trabalho e também nas falas inesperadas em calçadas de bairros de classe média alta.

Estas mulheres e suas narrativas estavam e estão em todos os lugares, de modo mais evidente ou não. É como viver sobre o próprio túmulo sem olhar para baixo (SELIGMANN-SILVA, 2008). Elas sempre existiram, sempre narraram seu singular-coletivo e inventaram-se nas próprias vidas e no mundo.

Com o véu caído aos meus pés, a junção das lembranças e pesquisa, e ainda escutando a afirmação daquela noite pairando em mim, me proponho a caminhar por vários questionamentos e rearranjos teóricos. Grada Kilomba (2019), aponta que o falar é uma negociação entre aquele que fala e quem escuta. Escutar para a autora, será uma autorização

¹ O termo advém do processo criativo de escrita da autora Conceição Evaristo (2020). Para escrever a autora afirma que é necessário “[...] ficar assuntando, escutando as vozes, os casos, o cotidiano. E assuntar também pede silêncio. Pede para que você se retire da roda e fique observando o que as pessoas estão falando. [...] O tempo todo é preciso assuntar a vida” (DUARTE; NUNES, 2020: 41).

em direção ao outro que está falando, logo, fala somente aquele que tem sua voz escutada, e por consequência é entendido como sujeito.

Pensando sobre a relação entre a fala e a escuta, a afirmação da mãe trabalhadora passa a revelar um novo lugar. Uma nova pequena-grande parte de uma verdade escondida debaixo do túmulo de minha família, do cotidiano, do país. Revela um singular-coletivo², um devir na fala que não surge de qualquer jeito – há uma ruptura.

Desta maneira, me ponho a trabalhar o rearranjo da fala original.

Com os pés fincados no mundo, nas vidas, troco o ninguém, o vazio para o alguém.

Começa um outro por vir no processo de assuntar, pesquisar e escrever as polifonias das narrativas-discentes. Partindo da escuta inicial, das minhas movimentações enquanto mulher negra, oriunda do território falante periférico (PINTO, 2019) e pesquisadora-narradora, coloco meu corpo (DEJOURS, 2004) ao trabalho ético-político em torno de uma pesquisa, questionando: Quando a psicologia escuta as trabalhadoras domésticas?

Recomeça a história e a construção da pesquisa.

Implicações de respostas-apostas para muitas outras perguntas.

As páginas seguem.

O trabalho doméstico no Brasil: “Me prove que a escravidão acabou”

“Me prove que a escravidão acabou” foi uma das falas que emergiu da narrativa sobre a experiência do trabalho doméstico naquela mesma noite.

Fala que carrega o campo do trabalho doméstico no Brasil, as vidas de incontáveis mulheres de minha família no passar do tempo, e sua própria história.

Partindo daquele momento pontual, introduzo uma imagem urbana presente em vários bairros centrais da ilha de Vitória, sudeste brasileiro.

² "Singular-Coletivo" é inspirado nas escrituras da autora Conceição Evaristo e na breve discussão apresentada em seu livro *Becos da Memória* (2018). A nomeação advém do narrar como operação onde “[...] ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (SOARES; MACHADO, 2017: 206).

A imagem que trago é composta pela totalidade do bairro, seguido da praça principal e ruas e becos ramificados e interligados.

O bairro passa a expressar o campo do trabalho doméstico no país. A praça principal, o período escravocrata e de pós emancipação.... Enquanto ruas e becos tornam-se as transversalidades presentes nesta discussão, traduzimos: as questões conceituais relativas ao mundo do trabalho; as sócio-históricas; os dados estatísticos; gênero e raça, etc.

Como qualquer bairro, para conhecê-lo é necessário caminhar por suas ruas e becos, reencontrar-se constantemente com a praça e conhecer as movimentações cotidianas que ocorrem ali. Informo de antemão que reencontrar-se com a praça é inevitável. Enquanto se movimenta pelo bairro, por suas ruas e becos, a única certeza é de que em algum momento esse encontro irá acontecer. Seja para conhecer o que ocorre nas praças, seja pela decisão de permanecer nela, ou como um feitio de passagem: este reencontro sempre acontece.

Não há como fugir.

Todas as ramificações e interligações passam, partem, direcionam e chegam à ela - a praça e os lugares fixos do período escravocrata brasileiro. Desta forma, tal imagem urbana reforça novamente o convite, para caminhar pelo bairro, mais uma vez pela praça, pelas ruas e becos conhecendo as movimentações e encontrando e reconhecendo seus narradores-moradores. Perambulo! Os temas da pesquisa se transversalizam. Conceitualmente, o trabalho doméstico passa a ser entendido em dois âmbitos: primeiro, enquanto atividade de cuidado e organização, encontrada no espaço privado do lar, realizada gratuitamente e quase que inerente ao gênero feminino (ROCHA; PINTO, 2018). O segundo como atividade profissional remunerada através de contratação formal ou não, em uma ou mais residências. Neste formato, é composto das categorias: diaristas, babás, cuidadoras, motoristas, jardineiros, trabalhadoras domésticas mensalistas, ou qualquer profissional que cuide da residência de seus empregadores e suas famílias (PINHEIRO et alii., 2019).

No Brasil, segundo os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através de sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, no ano de 2018, 6 milhões de pessoas atuavam como trabalhadores domésticos remunerados, nos quais o perfil majoritário corresponde a: mulheres (92%), negras (62%),

com idade entre 30 e 59 anos, com escolaridade entre 8 a 9 anos de estudo (PINHEIRO et alii., 2019).

Mas o que se chama de perfil majoritário revela estatisticamente os efeitos do período escravocrata e de pós emancipação (PEREIRA, 2011; SOUZA, 2016); com isso, a divisão sexual do trabalho; além da separação entre o domínio social (público) e domínio doméstico (privado) da economia (SANCHES, 2009), aspectos a revelar as estruturas hierárquicas e patriarcais da sociedade brasileira, assim como os contextos de desemprego e precariedade originários na economia de mercado (PINHEIRO et alii., 2019; SAFFIOTI, 1979).

Digamos que, no que diz respeito à profissionalização do trabalho doméstico no país, é só muito recentemente que se enxerga essas ruas e becos que sinalizamos como transversalidade.

Como processo de pesquisa, passamos a atentar para o que emerge como uma constante nas interligações, nas encruzilhadas do tempo: presente-passado-futuro tecendo-se (GAGNEBIN, 1994).

Souza (2016) discute sobre os aspectos históricos do trabalho doméstico. Nele, é comum que se ligue o período escravocrata diretamente à constituição da profissão, e esse equívoco de causalidade ocorre em detrimento de dois deslocamentos: o primeiro, por compreender essa ligação de maneira absoluta, ignorando às movimentações presentes dentro do período, tanto da pós abolição, quanto na própria contemporaneidade. O segundo, devido as bibliografias que perpetuam dados sociodemográficos com recortes junto da percepção cotidiana de raça e gênero dos trabalhadores. Aliado a isso, a precariedade no tocante aos direitos trabalhistas, assim como o embaraço das relações de exploração no espaço privado, corroboram para que os pesquisadores correlacionem à estrutura escravagista.

Aqui, reitero a fala da historiadora junto à imagem-bairro criada anteriormente.

Os que andam pelo bairro, pelas encruzilhadas e pela praça, tem de estar atento para perceber que, tudo que denota ser estático, não se perdura. A vida se move! O processo de regulamentação do ofício de 6 milhões de pessoas também vem se movimentando. A vida no trabalho das mulheres negras se modificam, e no presente, convocam os efeitos do longo e árduo processo de regulamentação.

A praça: marcas do período colonial do Brasil (XVI-XIX) com os ciclos de açúcar e de mineração como fundo, e a atividade doméstica realizada pelas mulheres negras escravizadas

como figura (SILVA; LORETO; BIFANO, 2017). Onde? Na Casa Grande, isoladas no chamado quarto de empregada, ou também na arquitetura contemporânea ocupando o “quartinho de empregada” (VIANA; TREVISAN, 2016).

Mulheres negras vêm sendo mantidas sob controle absoluto. Atividades destinadas à transmitir recados; receber visitas; sendo costureiras, amas de leite, mucamas, cuidadoras dos senhorzinhos, patroas, apartamentos (SILVA; LORETO; BIFANO, 2017).

Já no final do século XIX e início do século XX, tivemos as primeiras amostras do processo de regulamentação do trabalho doméstico. No mercado livre, no contexto de emancipação e pós abolição, tem-se mobilizações organizadas por intelectuais e patronos, com foco em criar mecanismos de fiscalização e regulamentação para os “criados domésticos” e “do servir” (nomeação anterior à trabalhadora doméstica)³.

Estamos falando da historicidade dos que há muito trabalham nas casas, espaços comerciais ou prestação de serviços para a sobrevivência cotidiana (SOUZA, 2016).

Sinalizamos a repetição! Mães-Pretas atravessam a Casa Grande em direção aos Prédios Grandes apartados pelo país. É possível avistar as mulheres negras pós abolição (SOUZA, 2016) no perfil de empregabilidade acordado no presente. É a insistente procura pela “cidadã de segunda classe” (SCHERDIEN et alii., 2018: 154). Por aquela que é “[...] encaixada no que “nasceu pra fazer” (NOGUEIRA, 2017: 52) e aquela que “parece que nasceu sabendo fazer isso”. Estas são transversais que movimentam as predileções nos Prédios Grandes.

Procura-se aquelas que nasceram para servir! Procura-se aquelas que possam alimentar, ser mucama, cumprir as vontades das patroas em troca de moradia e proteção (NOGUEIRA, 2017; CRUZ, 2011; GONZALES, 1984).

Neste ínterim, as “Mães-Pretas” dos Prédios Grandes sentem os efeitos da caminhada lenta e precária dos patronos e intelectuais. A dificuldade em organizar o trabalho doméstico enquanto profissão faz com que a verdade abaixo de suas atividades cotidianas se movimente e escape em outras tantas questões-tensões. Como regulamentar atividades que saltem do tarefismo para o inventivo do dia a dia? Estabelecer acordos verbais com os patrões é

³ Como efeito da processualidade de nossa pesquisa, daqui em diante será utilizada a palavra “trabalhadora doméstica” tendo em vista os dados estatísticos, a estruturação sócio-histórica e as transversalidades apresentados nos parágrafos anteriores e posteriores. Esta escolha advém do fato de que dentro do campo do trabalho doméstico no Brasil, mais da metade dos trabalhadores é composto pelo gênero feminino.

suficiente para firmar um trabalho decente? Realizar o que está acordado no documento ou o desejo dos patrões? O que é regulamentar este trabalho? (ROCHA; PINTO, 2018).

Lembramos o que afirma Certeau (1994a: 38), "[...] o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada [...]", e as trabalhadoras domésticas sabem muito bem disso.

Corpos-trabalhadora reconhecem caças.

Ainda que engratados e pescoços cobertos de pérola não queiram escutar, são esses corpos-trabalhadora que escapam do prescrito para responder ao real do trabalho. São estes corpos que se reconstroem para solucionar cada desejo dos patrões. Trabalhadores que fogem dos acordos verbais, que possuem afeto, subjetividade e também criam diante o mundo (DEJOURS, 2004). Insistimos que são as “Mães-Pretas” que favorecem a vida dos patrões, contribuindo para que tenham condições de exercer suas atividades no sistema capitalista de modo ativo segundo a relação de troca e lucro (SANCHES, 2009; SAFFIOTI, 1979). São elas também, a “reprodução de força de trabalho” (SAFFIOTI, 1979) que proporcionam “[...] a manutenção do estilo de vida das classes pertencentes ao todo da pirâmide social [...]” (HOLZMANN, 2006; POCHMANN, 2012 apud SCHERDIEN et alii., 2018: 12).

Apresentar tais apontamentos só revela a complexidade em torno da rua ou do beco com as questões do processo de regulamentação no passado-presente.

A luta em busca de uma regulação que assegure os direitos trabalhistas como férias anuais, salário mínimo, licença maternidade, repouso semanal, previdência social, aposentadoria, proteção e garantia de direitos se lançou efetivamente através das organizações sindicais, grupos feministas, movimento negro, por deputadas pelo país (NOGUEIRA, 2017; SOUZA; SILVA, 2018), e ainda pela:

[...] aprovação final da mudança constitucional [...] na 100ª Conferência internacional do trabalho, da OIT, em 2011, intitulada “Trabalho decente para trabalhadoras e trabalhadores domésticos”, quando foram aprovadas a Recomendação 201 a Convenção 189 (BRITES, 2013: 435).

É notório que apesar desse processo possuir um plano e uma lei complementar, no dia a dia, se perpetua a dificuldade das trabalhadoras domésticas requisitarem seus direitos. Segundo Rocha e Pinto (2018), na maioria dos casos, as trabalhadoras evitam realizar efetivamente denúncias contra seus empregadores, dado às relações afetivas e, mais gravemente por compreenderem os acidentes de trabalho enquanto descuido ou algo que poderia acontecer em

suas casas, revelando aqui a dificuldade em estabelecer o espaço privado de casa e o espaço do trabalho (ambiguidade público/privado). Assim, comumente só se requisita seus direitos nos sindicatos “[...] em momentos extremos de disputa e rompimento, em geral para homologação do fim do contrato de trabalho” (BRITES, 2013: 431).

Estamos mais ao final da caminhada pelo bairro. Convidamos a pensar algumas das complexidades em torno do campo do trabalho doméstico no Brasil, pensar o trabalho doméstico e suas trabalhadoras para além da sobrevivência e acumulação de bens apenas (RIBEIRO; LÉDA, 2004). Dito de outra forma, surge a necessidade de entender o trabalho como aquilo que implica “[...] gestos, *saberfazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar [...]” (DEJOURS, 2004: 29).

Para nós, no que se refere às trabalhadoras domésticas, implica também escutar as memórias, histórias, polifonias, a vida - as narrativas. Como bem apontou Souza (2016: 143), a respeito das pesquisas em torno desse campo: “[...] é interessante notar que o próprio tema, serviço doméstico, perde a sua historicidade, pois raramente se considera a sua história ou dos seus trabalhadores para além da sua relação histórica com o escravismo no Brasil”.

Ou seja, escuta-se muito pouco as narrativas das trabalhadoras domésticas.

Por isso mesmo, me redireciono ao ponto principal desta pesquisa. A partir de meu *escre-viver*⁴, das assunções do mundo e das narradoras-moradoras do bairro coloco em exposição para indagar: Quando a psicologia pode escutar as trabalhadoras domésticas? Quando a psicologia pode escutar as trabalhadoras domésticas para além do tarefismo? Quando pode escutar a história, a memória e o cotidiano? E, ainda, como escutar inventividades das vidas? Estas são algumas das questões que podem ser pensadas durante a leitura das *escrevivências* a seguir, mas necessariamente, acompanhadas da “*poética da voz*”⁵ (TETTAMANZY, 2006).

⁴ *Escre-viver* é o nome dado a experiência da produção de *escrevivências*, onde “[...] o ato de escrever se dá profundamente cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade” (NUNES, 2020 p.18).

⁵ Inspirada pelo poeta Fernando Pessoa (1998) e sua máxima que associa os pensamentos às sensações, Tettamanzy (2006), doutora em Letras, aponta a “*poética da voz*” como rompimento da lógica cartesiana. Assim, para entrar em contato com as *escrevivências* deve-se dispor a ser afetado, em termos de pesquisa acadêmica, é a proposta não apenas de ler racionalmente.

A escrita de muitas vozes: “As vozes-mulheres”⁶

Primeira voz: Ora-pro-nóbis⁷

Na cozinha, a fumaça do chá sobe enquanto o sussurro da reza, da conversa com o Divino escapa sobre a caneca. Sussurra-se Maria, João, Clemência, Glória, Marta, Rosa... Sussurra-se para os vivos e os mortos.

Sussurra-se para sobreviver.

Desde que saiu do interior da Bahia, da pobreza e da fome familiar-estranha, sussurrar foi a tática.

Sussurrou para rezar, planejar, criar coragem, para enfrentar o mundo e também salvar a si.

Sobre a caneca de chá, recordou da sua chegada à cidade grande e o sonho de ser secretária.

Sonhava em ter o cabelo preso num coque apertado e lustrado, usar saias lápis escura e apertadas na altura do joelho, atender telefonemas, agendar horários e ajudar um médico famoso a organizar sua rotina. Ser secretária, era o auge que povoava os sussurros ao chegar na cidade grande.

Franziu a testa no presente.

Recordou-se da descoberta que fez enquanto sonhava com o auge. Entre o sonho e a desigualdade, no meio, a empregada doméstica.

Limpou banheiros, conheceu o tal elevador de serviço, cuidou das crianças e das plantas, teve sua alimentação regulada e calculada pela patroa, dormiu em quatinhos escuros e mofados, organizou banquetes de gala dos quais nunca esteve presente.

Que tipo de vida acontece entre o sonho e a desigualdade?

⁶ EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

⁷ Ora-pro-Nóbis (Rogai por Nós), é uma planta alimentícia não convencional (PANC) encontrada em muros e cercas pelos estados da região Sudeste. Na cultura popular é conhecida como "bife verde" ou "carne de pobre" tendo em vista seu alto valor nutricional.

Naquele dia, soprou o chá novamente, dispersando a fumaça e tomando o líquido morno. Memórias se atropelam e invadem as cenas do trabalho. A boca curva-se no canto, um sorriso minúsculo surge.

"Deus é justo" pensa - "Nem só de dor vive a empregada."

Começa a sussurrar novamente. Agora, com as descobertas, cenas, orgulhos e vinganças que conheceu entre o sonho e a desigualdade. Sussurra "Ser doméstica é ser escrava... Mas secretária não é tão diferente de escrava. Só muda de lugar", "Não tenho mais medo da pobreza. Já conheci. Se aparecer de novo, eu dou jeito", "Falei e teve que ficar quieta. Sabia que eu estava certa", "Deixa eles acharem que eu sou burra"... assim foi se perdendo entre os sussurros da vida.

Recomeçou: Maria, João, Clemência, Glória, Marta, Rosa, Antonio...

Pigarreia. Um sorriso de canto, uma risada permitida e uma voz sobressaindo o sussurro - "Deus é justo!"

Nossa voz: A marca

Ela olhou para baixo e viu-se atentamente. A blusa amarela curta no corpo arredondado, a barriga infantil marrom e a marca marrom-escuro próximo ao umbigo.

Engraçado, sua marca era similar a marca marrom que sua mãe possuía na barriga, também próxima ao umbigo. Essa marca estava ali o tempo todo? Por que sua marca era igual a da sua mãe? Era isso que chamavam de marca de nascença? - A criança perguntava-se divertida.

Achava engraçado ter uma marca igual a de sua mãe. Uma marca que não recordava de como surgiu ali, mas que era sua e dela. As "marcas de nascença", como escolheu chamar.

Nos anos seguintes, as "marcas de nascença" tornaram-se sua brincadeira. Quando a marca despontava por debaixo da blusa da mãe, a criança corria e comentava entre risadas "Olha a nossa marca! Temos uma marca de nascença igual! Eu tenho uma igual a sua!".

A fala e as risadas seguiram por um tempo. Tempo o suficiente para a criança crescer, tornar a similaridade banal e as brincadeiras cessarem.

Mas para a surpresa da criança, muito da vida se repete.

A criança um tanto crescida nota que a marca continuava ali, em seu corpo marrom e também no de sua mãe. Com a história da “marca de nascença” compartilhada, a criança corre para perto dela e conta o que recordou. A mãe ri e resolve contar a verdade por trás da marca marrom.

A marca não era de nascença, mas de trabalho.

Em uma manhã, acompanhada com sua barriga de oito meses, ela fazia café para a família do Prédio-Grande. A água na leiteira de ferro para o café ferve.

Borbulha, borbulha e borbulha no fogo alto. Atinge seu ápice e faz a leiteira de ferro vacilar.

A leiteira, com a água fervendo cai em sua barriga.

A água fervendo atravessa as camadas de sua pele marrom e também da placenta onde seu bebê mora. Marca-se assim, sua barriga e a barriga do bebê no mesmo lugar.

A criança escuta em silêncio.

Olha para a barriga de sua mãe coberta pela blusa, olha para a sua e a acaricia. Lá não estava a marca de nascença compartilhada como acreditava e como chamou, ao contrário, era a marca do trabalho doméstico compartilhado.

Outras vozes: A reação da sala

Verão. Calor. Uma escola pública do ensino fundamental.

Uma sala de paredes verdes, carteiras alinhadas e um quadro cheio de giz colorido que provocava uma série de espirros no final do dia. Vinte e cinco cabecinhas coloridas com borrachinhas de cabelo e tranças, shampoo contra piolho, alisantes, corte da moda e todos usando o mesmo uniforme.

Naquele dia, uma professora baixinha, com a blusa estampada com o rosto de seus filhos inicia a aula. A discussão do dia: profissões. Mais especificamente, o que os pais ou os responsáveis de cada um faziam.

A primeira criança começa: "Meu pai trabalha no banco", seguido de "Minha mãe é vendedora", depois "Minha mãe é dona de casa", "Meu pai trabalha numa empresa", "Meu avô é comerciante", "Minha tia é enfermeira" e assim por diante.

Das vozes infantis agitadas surge: "Minha mãe é empregada doméstica".

Todos param, o silêncio toma conta da sala infantil.

A criança vira a cabeça para o lado, confusa. O que está acontecendo? Por que está silêncio? Falei algo errado? O que está acontecendo?

Olha para os lados e escuta seus colegas sussurrando algo entre si. Bocas se contorcem em sussurros enquanto outros olham para fora da sala, evitando olhar para a mesma. A professora observa a movimentação da turma sem saber o que fazer.

Do fundo da sala uma risada estrangulada que escapa libera a risada de todos os outros.

O que está acontecendo?

Alguém diz "Sua mãe é doméstica?" com escárnio.

A criança pensa: Ser doméstica é errado? Minha mãe tem uma profissão ruim? Por que é ruim? Ela trabalha tanto e cuida de mim assim, por que é ruim?.

Seu peito e garganta se apertam durante as questões. Por que riam de sua mãe e do que ela fazia? O que tinha de errado?

Não entendia, mas doía.

A professora suspira em frente ao quadro, chama atenção das cabecinhas coloridas quanto às risadas, tenta apaziguar a situação e afirmar a dignidade do trabalho da mãe da criança.

A criança escuta as palavras da professora, tenta se animar, mas sente seu peito apertado, doendo. Sentia a dor e sabia que iria doer mais quando chegasse em casa e contasse para a mãe. Não ia conseguir disfarçar, estaria miúda e amuada demais para não notarem nada.

O dia seguiu lento depois das risadas.

Voltou triste para casa. Contou para sua mãe sobre o acontecido. Foi abraçada e notou pela primeira vez aquela expressão - a mãe estava acostumada com o escárnio. Doeu. Dali em diante prometeu que não contaria às pessoas a profissão de sua mãe.

Vozes memoráveis: Começo-meio-fim

O primeiro sonho-pesadelo surgiu com o cheiro do mar atlântico e de madeira queimando. Dos emaranhados oníricos eleva-se a grama verde, o casarão de janelas azuis e varanda descomunal. Duas mulheres sentadas com suas xícaras de café, olhando a imensidão daquilo que chamavam de “quintal” com suas vozes melosas-escorregadias.

No quintal, curvada, a Mãe-Preta ou Bá segura em seus braços fortes-doloridos duas crianças sacudindo-se, brigando e gritando entre si. Bá firma os braços, olha para as Mães-Brancas assistindo a cena e pensa: "E meus filhos?".

O segundo sonho-pesadelo tem cheiro de tinta, gritaria e feijão. A patroa dona de casa anseia o feijão fresco para o querido marido que tenta encurralar a empregada nos cantos escuros da casa. O feijão queima. A patroa grita. A empregada chora... de ódio.

O terceiro sonho-pesadelo tem poeira. Um álbum de família. Fotos preto e branco junto das coloridas. Fotos de casa misturam-se com a de (des)conhecidos usando terno e colar de pérolas. Crianças na rua de terra misturam-se com crianças na quadra de algum clube. Sorrisos largos também misturam-se. Na última folha do álbum, um colo ocupado com sua matriz e ao lado a matriz de outra.

Onde se começa e onde se termina?

O quarto sonho-pesadelo tem suor. O corpo negro corre pelo corredor com os braços para trás, amarrados. No final do corredor, dois homens carecas de terno e com cigarro em suas bocas. Os homens gritam seu nome. Seus pés andam em direção a eles, ainda que não queira. O corpo desnorteado vira, dá as costas para ambos. O açoite grita em suas costas.

Sonhos-pesadelos invadem gerações. Um atrás do outro. Maldições? Estranho-conhecido? Na quinta geração não se conheceu o sonho-pesadelo.

Discussão: da “Mãe-Preta” para "Anastácia Livre”

Após caminharmos pelo bairro e entrar em contato com vozes-mulheres presentes nas escrevivências, retornamos para a questão-tensão que permeia a elaboração desse artigo:

Quando a psicologia escuta as trabalhadoras domésticas? E mais, dentro deste "quando", que psicologia é esta e o que dispõe escutar das trabalhadoras?

Para assentar de qual psicologia tomamos posição, apontamos primeiro para aquela que não nos firmamos - a chamada psicologia cientificista (SANTOS; MARTINS, 2013; JACÓ-VILELA, 2012).

Esta psicologia, tem como noção absoluta o método científico-natural para a compreensão do ser humano. Noção absoluta, que segundo Santos e Martins (2013: 44) é uma “[...] aceitação dogmática e não tematizada dos métodos científico-naturais, que provoca o esquecimento das raízes da atividade científica”. Assim, produz-se a ausência de discussões ético-políticas em torno do saber-fazer e dos efeitos nas vidas, somada a valorização do controle, ideais de neutralidade e principalmente dissociação de “[...] contextos sociais, humanos e ecológicos” (LACEY, 2009 apud SANTOS; MARTINS, 2013: 43).

Logo, é uma psicologia que se mostra bastante perigosa no que diz respeito à escuta das trabalhadoras domésticas no Brasil. Vislumbramos os jogos científicos nos campos psicológicos tensionando-se dialeticamente entre os vencedores e os vencidos. Nesse confronto, corre-se constantemente o risco de enterrar vidas, vozes, escritas, histórias de um país e um por vir de esperança (JACÓ-VILELLA, 2013; ROCHA, 2014; BRITO; BARROS, 2021).

Benjamin (1995: 237 apud ROCHA, 2014: 19) afirma que: “[...] as pessoas fitam em primeiro lugar o que está à altura dos olhos, depois olham para cima e só por último se preocupam com o que está ao seus pés”, ou seja, ignora-se o cotidiano e aqueles que estão ao lado. Desta afirmação, corroboro com o parágrafo anterior. Enquanto a psicologia cientificista priorizar somente o que está a altura de seus olhos, acima dos mesmos e com muito esforço aproximar-se do que está nos pés, no cotidiano, teremos como efeito o que Brito e Barros (2021: 239) pontuam: “[...] determinados silêncios matam novamente e sucessivamente”.

Há muitas trabalhadoras domésticas no chão, lutando para se aproximarem dos olhos e até mesmo dos ouvidos de alguém.

Deste modo, sinalizo: este artigo não pactua com a psicologia cientificista.

Refaço as perguntas: Se não pactuamos com esta psicologia, qual é a psicologia que escuta as trabalhadoras domésticas? E o que essa psicologia escuta das vozes-mulheres?

Neste ponto, digo que nós firmamos com a psicologia-narrativa⁸ para escutar as trabalhadoras domésticas. Mas, o que isso quer dizer?

Estamos firmados através de uma posição ético-política (PASSOS; BARROS, 2015), onde o narrar e a tentativa do mesmo não é qualquer coisa. Investimos na escuta dos sujeitos da experiência (BONDÍA, 2002), da polifonia, historicidade, marcas, repetições, afetos, conflitos e táticas cotidianas (CERTEAU, 1994a) diante de si e do mundo.

Marcamos a psicologia-narrativa neste artigo, como o espaço que pode possibilitar a conexão entre o contar, a escrita⁹ e a vida (EVARISTO, 2020; FERREIRA, 2018), e conseqüentemente proporcionar um caminhar sobre o chão narrativo, elaborar uma escuta estrangeira diante das vozes-mulheres no país e almejar “[...] uma saída ética para a elaboração de outra política de pesquisa, que não sucumba à informação e à técnica” (ROCHA, 2014: 10).

Assim, passamos a ficar mais atentas a narrativa que nasce durante a tentativa de contar o singular-coletivo e desnaturalizar o “[...] nós-mesmo - aquele que tantas vezes insiste em repetir assim é, assim foi, assim será [...]” (JACÓ-VILELA, 2013).

A psicologia-narrativa busca inaugurar um novo lugar!

Um novo lugar, onde se situa a psicologia latino-americana e o psicólogo, que possam se aproximar do que Ignacio Martín-Baró escreve em seu clássico texto “O papel psicólogo” (1996).¹⁰

Uma psicologia, um psicólogo atento a essas que estão em todos os lugares, aos nossos pés no cotidiano com suas narrativas e histórias significativas (NUNES, 2020).

⁸ Nomeamos de Psicologia-narrativa o contraponto em relação a Psicologia cientificista. Esta posição ético-política é inspirada no texto de “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1987) de Walter Benjamin e da noção de que o narrador é o “[...] cronista dos acontecimentos, que não distingue entre os grandes e os pequenos, mas levando em conta que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (BENJAMIN, 1994: 223 apud ROCHA, 2014: 30). Logo, para a psicologia-narrativa, interessa escutar os grandes e pequenos da vida, nesse artigo, a vida das trabalhadoras domésticas.

⁹ Segundo Muniz e França (2011: 156) escrever não é um trabalho puramente intelectual “[...] em que só a mente é envolvida, porque não é possível separar o corpo e a mente [...] Escrever é trabalho corporal [...] se tirarem nosso corpo, ficamos sem voz”.

¹⁰ Em seu artigo, Martín-Baró (1996) chama atenção para o trabalho do psicólogo nas regiões centro-americanas marcadas pela desigualdade, guerras ou quase guerras revolucionárias e a perda da soberania. O autor, convoca o psicólogo para um trabalho que pressupõe um olhar atento e crítico à dimensão social, à relação individual e coletiva e aos processos de conscientização.

Precisa-se escutar enquanto verbo (DUNKER; THEBAS, 2019)! Precisa-se estar atento à varanda¹¹ de Walter Benjamin (2013 apud FERREIRA, 2018)!

É preciso reivindicar uma psicologia que atue nas frestas do cotidiano auxiliando a passagem da “Mãe-Preta” para “Anastácia Livre”.¹²

Mães-Pretas, nomeadas desta forma no artigo, devido às repetições observadas durante o estudo do trabalho doméstico no país, as assunções narrativas escutadas no cotidiano e a imagem fundante que a autora Conceição Evaristo utiliza para dar origem às escrituras.

Evaristo (2020), conta que suas escrituras surgiram como resposta à imagem da Mãe-Preta no período colonial do Brasil. A autora apresenta como imagem núcleo, esta mulher escravizada que tem de cuidar, alimentar e ensinar a falar toda a prole da família Grande. Aponta ainda, que se durante a manhã esse corpo-voz não possuía liberdade para cantar, gritar e falar, durante a noite este tinha a função de contar histórias para "[...] ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência" (EVARISTO, 2020: 30). Imagem bem similar a trabalhadora doméstica do Prédio-Grande.

Da imagem, a autora retira forças para "conceber, pensar, falar e desejar" (EVARISTO, 2020: 30) um lugar onde mulheres negras possam desfazer essa imagem do passado, e no presente apropriar-se da voz, da letra, da escrita e acima de tudo escrever para não adormecer os da Casa-Grande, mas "[...] acordá-los de seus sonhos injustos" (EVARISTO, 2020: 30).

Logo, nada mais digno que as trabalhadoras domésticas brasileiras possam escrever,

[...] expressões de uma atividade, que é muitas vezes invisibilizadas e, em algumas circunstâncias, limitadas a estratégias de controle, porque, quanto mais os trabalhadores se apropriar de sua potência de transformação, mais podem exigir condições e organização do trabalho que estejam à altura da sua contribuição para o processo de produção (MUNIZ; FRANÇA, 2021: 153).

Junto da narração-escrita-vida de suas memórias, invenções, afetos, conflitos, sonhos e entre outros. Escrever para “[...] se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas,

¹¹ A varanda é uma imagem criada pelo autor Walter Benjamin com o objetivo de discutir a “[...] indecidibilidade entre o exterior e o interior” (FERREIRA, 2018: 976). Esta imagem também possibilita pensar o processo de escrita em primeira pessoa e como este evoca o histórico e o social ao mesmo tempo.

¹² Inspirado na obra do artista visual Yhuri Cruz, chamada “Monumento à voz de Anastácia” (2019). Na obra, podemos vislumbrar Anastácia sem a máscara de Flandres, livre, dona de sua própria voz.

que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida” (EVARISTO, 2020: 35). Procuramos um novo lugar que possibilite um narrar-escrever-viver de esperarçar (BRITO; BARROS, 2021).

Portanto, após elaborar uma possível resposta-aposta a questão-tensão, digo que este artigo também aponta para uma intervenção-implicada. Através da psicologia-narrativa e das escrevivências, sinalizamos para uma práxis que possa atravessar as frestas cotidianas em torno do campo do trabalho doméstico no país e nas vidas das trabalhadoras domésticas. Anunciamos que diante das estratégias modernas do Estado brasileiro (JACÓ-VILELA, 2013), em caso de ausência de frestas, dispomos a aprender e pensar formas de abri-las.

Apostamos na narrativa e escrita do saber tático, cotidiano conhecido e transmitido pelas trabalhadoras ao longo dos tempos. Apostamos nas vozes-mulheres que ecoam das frestas!

Escutemos os corpos-trabalhadoras e estejamos atentos ao lugar que ocupamos dentro do campo psicológico (FIGUEIREDO, 2015).

Busquemos constituir uma psicologia que auxilie a “trampolinagem” diante da realidade (CERTEAU, 1994b) e também a retirada da máscara de Flendres das Mães-Pretas.

Trabalhemos para que Anastácias possam entoar vozes e letras livres. E que depois de serem marcadas para servir, passem para um outro lugar.

Anastácias Livres não ninarão mais os sonhos dos Prédios Grandes!

Considerações finais

Para concluir esse artigo, digo que o processo de elaboração passou pelos caminhos do narrar, da escrita e da própria vida. Como afirma Conceição (2020: 35), "Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação", corroboro com a autora, foi um caminho de muitas interrogações e acredito que será assim por toda vida.

Agora, ao final, consigo nomear este artigo como passagem - um artigo-passagem.

A primeira passagem diz respeito à reformulação da afirmação. Quando o “ninguém” escuta é substituído por “alguém”, cria-se uma demanda. Inaugura-se o trabalho em torno da estruturação do ofício no Brasil, junto às vozes que ecoam pelas frestas cotidianas. Foi

importante pensar quem são essas trabalhadoras, quando são escutadas pela psicologia, o que é escutado e as respostas-apostas para tais questões.

O segundo momento é marcado pelas escrevivências, as muitas vozes mulheres reunidas e apresentadas para além do tarefismo. Memórias, falas, cenas, sonhos-pesadelos, rupturas, tensões, conflitos e afetos permeiam cada linha revelando as nuances escondidas no ofício. Lançamos a primeira resposta-aposta, o primeiro apontamento de que a máxima da trabalhadora doméstica não é o servir. Começamos a imaginar a passagem da Mãe-Preta para uma outra, um por vir que é nomeado nos parágrafos que seguiram.

Em seguida, acompanhamos brevemente a passagem da psicologia cientificista para a psicologia narrativa ético-política. Procuramos sair do quantitativo, das respostas prontas e factuais de uma história não linear e caminhar em busca da verdade localizada debaixo dos nossos próprios pés, junto de um singular-coletivo presente na escrita dos parágrafos e nas escrevivências. Escutamos as narrativas que ecoam dos escombros brasileiro e convidamos Walter Benjamin para conhecer Conceição Evaristo!

Por fim, conhecemos a passagem final. Um novo lugar é inaugurado. Mães-Pretas dão lugar a Anastácia Livre. A passagem cheia de rearranjos ao longo do caminho e com diversos atravessamentos que, dada a complexidade do país, escapa através da fresta. Não há mais como desver! Procuramos com a psicologia-narrativa criar táticas juntos às trabalhadoras domésticas de modo que não ignore a historicidade, inventividades durante a vida e a chance de constituir um novo lugar para esperar.

Agora, com meu corpo-trabalho no mundo, após a caminhada de elaboração desta resposta-aposta ao cotidiano brasileiro, e a escuta das trabalhadoras domésticas, sustento uma nova posição na narrativa-discente elaborada. Finalizo com Conceição Evaristo (2016: 71) e seu conto “Ayoluwa, a alegria de nosso povo” porque estar atenta e interrogar-se na vida, no narrar e no escrever é urgente

Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber experiência. Revista Brasileira de Educação, n° 19, 2002.

BRITES, Jurema Gorski. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. Cadernos de Pesquisa, vol. 43, n° 149, 2013.

BRITO, Janaina Madeira; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. A desesperança?... Ou algo outro, a fresta, um nuançar. Em: MIZOGUCHI, Danichi Hausen; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.) – Políticas de escrita em pesquisas nas Ciências Humanas. Niterói: Eduff, 2021.

CERTEAU, Michel de. Culturas populares. Em: CERTEAU, Michel de - A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. Em: CERTEAU, Michel de - A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CRUZ, Jamile Campos da. O trabalho doméstico ontem e hoje no Brasil: legislação, políticas públicas e desigualdade. Periódicos Ufes, 2011.

DEJOURS, Christian. Subjetividade, trabalho e ação. Revista Produção, vol. 14, n° 3, 2004.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência e seus subtextos. Em: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella Rosado (orgs.) – Escrivivência: a escrita de nós, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Marcelo Santana. Passagens entre a escrita e a biografia em Michel Foucault e Walter Benjamin: contribuições éticas e metodológicas. Práxis Educativa, vol. 13, n° 3, 2018.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Revisitando as psicologias: Da epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Dizer o tempo. Cadernos de Subjetividade, vol. 2, nº 1 e 2, 1994.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, 1984.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. A nova ciência, instrumento para a construção da República. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CERREZZO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (orgs.) – Clio-Psyche hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.

KILOMBA, Grada. A máscara colonialismo, memória, trauma e descolonização. Em: KILOMBA, Grada - Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cogogó, 2019.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. Estudos de Psicologia, vol. 2, nº 1, 1996.

MUNIZ, Hélder Pordeus; FRANÇA, Maristela Botelho. A política de escrita na pesquisa-intervenção sobre o trabalho humano. Em: MIZOGUCHI, Danichi Hausen; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.) – Políticas de escrita em pesquisas nas Ciências Humanas. Niterói: Eduff, 2021.

NOGUEIRA, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos. Mucama permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. Cadernos de Gênero e Diversidade, vol. 3, nº 4, 2017.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. Em: . Em: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella Rosado (orgs.) – Escrivência: a escrita de nós, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da Narratividade. Em: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da – Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Bergman de Paula. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição, 2011.

PINEIRO, Luana Simões; LIRA, Fernanda; REZENDE, Marcela Torres; FONTOURA, Natália de Oliveira. Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Ipea, 2019.

PINTO, Naiane Jesus. Território Falante: uma escrivência das experiências e (r)existências do Quilombo Dom João. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, 2019.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LÉDA, Denise Bessa. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 4, nº 2, 2004.

ROCHA, Euda Kaliani Gomes Teixeira; PINTO, Francinaldo do Monte. O desafio conceitual do trabalho doméstico à psicologia do trabalho. Fractal: Revista de Psicologia, vol. 30, nº 2, 2018.

ROCHA, Raphael Vaz. Políticas da Narrativa. Resíduos da Experiência. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

SAFFIOTI, Heleith. Emprego doméstico e capitalismo. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.

SANCHES, Solange. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. Revista Estudos Feministas, vol. 17, nº 3, 2009.

SANTOS, Hernani Pereira dos; MARTINS, João Batista. O cientificismo como obstáculo à compreensão ético-política da psicologia. Psicologia: Ciência e profissão, vol. 33, 2013.

SCHERDIEN, Camila; BARTOLINI, Carolina dos Santos; OLTRAMARI, Andrea Poleto. Relações de trabalho e cinema: uma análise do filme "Que horas ela volta?". Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, vol. 5, nº 12, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicologia Clínica, vol. 20, nº 1, 2008.

SILVA, Deide Fátima da; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. Cadernos de Direito, vol. 17, n° 32, 2017.

SOUZA, Flávia Fernandes de. Reflexões sobre as relações entre a história do serviço doméstico e os estudos pós-emancipação no Brasil. História, histórias, vol. 4, n° 8, 2016.

SOUZA, Flavia Fernandes de; SILVA, Maciel Henrique. Trabalho doméstico: sujeitos, experiências e lutas. Mundos do trabalho, vol. 10, n° 20, 2018.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. “Meus pensamentos são todos sensações”: corpo e voz nas narrativas orais africanas. Boitatá, vol. 1, n° 2, 2006.

VIANA, Máira Borrato Xavier; TREVISAN, Ricardo. O “quartinho da empregada” e seu lugar na morada brasileira, 2016.